

## NOTAS SOBRE O CONCEITO DE NATUREZA EM NIETZSCHE

Luciano Brandão Marques\*

Tedson Mayckell Braga Teixeira\*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo investigar alguns pontos essenciais sobre a concepção de *natureza* na filosofia de Friedrich W. Nietzsche. Para atingir esse objetivo, dois pontos são importantes: compreender a noção de natureza enquanto dado antropomórfico; e a natureza como *physis*.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Natureza. Physis. Cultura. Interpretação.

**Abstract:** The purpose of this paper is to inquire the conception of nature in Friedrich W. Nietzsche philosophy. This inquiry are based in two conceptions on Nietzsche's works: the conception of nature as anthropomorphic data; and nature as *physis*.

**Keywords:** Nietzsche. Nature. Physis. Culture. interpretation.

### INTRODUÇÃO

A pesquisa filosófica sobre a natureza surge no pensamento ocidental com as filosofias *naturalistas*, caracterizadas essencialmente pelo problema cosmo-ontológico, ou, problema da *physis* (REALE, 1993, p.35). Essa “ontologia” arcaica funda o pensamento sobre o ser, mas progride ainda mais. E esse mérito atribuímos a Platão, que avança a linguagem ontológica dos naturalistas e funda sua própria filosofia das essências. Segundo Paul Ricoeur<sup>351</sup>, o problema da essência, em Platão, é também um problema da justificação da linguagem; o *destinatio* da linguagem é significar a realidade (RICOEUR, 2014, p. 11-12). Deste modo, para Platão, o problema da filosofia não consiste em interrogar as palavras, mas sim as próprias coisas (RICOEUR, 2014, p.13). Platão também representa um rompimento com as filosofias naturalistas pré-socráticas, e, assim, ele inaugura uma nova forma de investigação filosófica baseada na

---

\* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Maranhão. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA. Membro do grupo de pesquisa NEO-BIO: ontologia, corpo e biopolítica (CNPQ). E-mail: lucnnobrandao@gmail.com

\*Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, docente no curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo. E-mail: tedson.braga@ufma.br

<sup>351</sup> Cf. *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*, 2014.

oposição entre Ideia e matéria – a primeira em detrimento da segunda. Esse modelo filosófico platônico permaneceu influente por milênios, até a ascensão da modernidade e os diversos movimentos de contestação da tradição filosófica.

Podemos observar que a reflexão sobre a natureza é antiga na tradição do pensamento ocidental. Em vista disso, o nosso objetivo neste artigo será indicar alguns pontos essenciais sobre a concepção de natureza a partir das contribuições de Friedrich W. Nietzsche.

Nietzsche destaca-se na história da filosofia por ter sido um autor de vasta produção intelectual e considerações críticas ao positivismo e asceticismo<sup>352</sup> do século XIX. É possível identificar em grande parte da obra nietzschiana uma valorização dos elementos naturais contra o dogmatismo ascético e cientificista.

Desde suas primeiras obras, como em *O Nascimento da Tragédia (Die Geburt der Tragödie, 1872)*<sup>353</sup>, o autor inaugura suas críticas, trazendo elementos da metafísica schopenhaueriana e da estética contra o tradicionalismo da filologia de seu tempo. Este empenho crítico desenvolveu-se ainda mais posteriormente, como podemos encontrar nas obras de período médio, como *A Gaia Ciência (Die Fröhliche Wissenschaft, 1882)*<sup>354</sup> e *Aurora (Morgenröthe, 1881)*<sup>355</sup>, nas quais o autor investe fortes ataques ao antropocentrismo, em benefício da natureza e em detrimento dos dogmas metafísicos e científicos daquele século. Ainda assim, essa relação entre conhecimento e natureza encontra sua maior visibilidade nas obras do período de maturidade, como em *Zaratustra (Also Sprach Zarathustra, 1885)*<sup>356</sup>, na qual Nietzsche afirma que o espírito é servo do corpo, invertendo as formulações metafísicas da tradição ocidental. Essa

<sup>352</sup> Por *asceticismo* não devemos compreender apenas o âmbito religioso, mas também as condutas éticas das tradições filosóficas.

<sup>353</sup> Cf. *O nascimento da tragédia* (2007), p. 23-24. Nietzsche utiliza conceitos como “Apolo” e “Dioniso” para representar a dinâmica das forças da natureza, e esses elementos permanecem em toda sua obra.

<sup>354</sup> Em *A Gaia Ciência*, p. ex. Nietzsche afirma: “São para mim desagradáveis as pessoas nas quais todo pendor natural se transforma em doença [...]; elas são a causa de nossa grande injustiça para com nossa natureza, para com toda natureza” (NIETZSCHE, 2012, p. 176-177).

<sup>355</sup> Em *Aurora* Nietzsche afirma que “[os homens] em toda parte viam a si próprios [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 25), questionando o antropocentrismo e a invenção de valores bons e ruins sobre a natureza humana e física.

<sup>356</sup> No capítulo *Dos crentes em Além-mundos*, Nietzsche escreve: “Enfermos e moribundos foram os que desprezaram o corpo e a terra, os que inventaram as coisas celestes e as gotas de sangue redentor; e, até esses doces e lúgubres venenos eles os tiraram do corpo e da terra” (NIETZSCHE, 2009, p. 49). No capítulo seguinte, *Dos que desprezam o corpo*, lemos Nietzsche afirmar: “Detrás de teus pensamentos e sentimento, meu irmão, há um amo mais poderoso [...]. Habita em teu corpo; é teu corpo” (NIETZSCHE, 2009, p.51). Nos dois casos citados observamos *Zaratustra* enfatizando os valores corpóreos, físicos, em detrimento dos valores suprassensíveis.

valorização da natureza como ponto de reflexão pode ser encontrada em todo *Anticristo* (*Der Antichrist*, 1895)<sup>357</sup>, cuja essência da obra busca denunciar o asceticismo cultural, especialmente o ocidental e cristão, que, para o autor, desvaloriza os elementos corpóreos e naturais para beneficiar “ficções” metafísicas.

Contudo, é no aforismo 230 de *Além do bem e mal* (*Jenseits von Gut und Böse*, 1886)<sup>358</sup>, que podemos encontrar uma excelente base para nossa pesquisa. Neste aforismo Nietzsche propõe à humanidade futura a tarefa de “restituir o homem à Natureza” e dominar as interpretações enigmáticas que cobrem o “eterno texto fundamental *homo natura*” (NIETZSCHE, 2014, p.153). Todavia, com base em tais sugestões, urge que se inquiria o que o autor de *Zaratustra* compreende por natureza, e que seja delimitada, ainda que de forma preliminar, esta questão em sua obra.

## A CONCEPÇÃO DE NATUREZA EM NIETZSCHE

Há dois âmbitos norteadores que ajudarão na compreensão do tema deste artigo: a concepção nietzschiana de natureza como física e a natureza como antropomórfica. No âmbito *antropomórfico*, encontramos a crítica de Nietzsche a linguagem e cultura. No *físico*, encontramos a visão do filósofo sobre a tradicional concepção de *physis* das filosofias ocidentais.

Mas para prosseguirmos com o nosso estudo, é necessário diferenciarmos, mesmo que rapidamente, o sentido de *antropocentrismo* e *antropomorfismo*. Sobre o *antropocentrismo*, Nietzsche critica as tradicionais concepções que compreendem o homem como um ser alheio a natureza, como se a “natureza humana” fosse algo paralelo ao mundo natural – o autor enfatiza suas críticas ao cristianismo e a filosofia platônica, por exemplo. Acerca do *antropomorfismo*, o autor de *Zaratustra* questiona os limites da auto projeção humana sobre a natureza; isto é, até que ponto a auto projeção humana poderia estar deturpando a natureza e também o próprio homem. Assim, podemos dizer que a filosofia de Nietzsche busca uma desantropomorfização da natureza como a tradição filosófica a constituía, mas o autor não nega, por inteiro, a necessidade da projeção humana sobre a natureza. No aforismo 230 de *Além do bem e*

<sup>357</sup> “Nós derivamos o homem não mais do “espírito”, da “divindade, nós o recolocamos entre os animais. Ele é considerado por nós o animal mais forte, pois ele é o mais ardiloso: uma consequência disso é sua espiritualidade.” (NIETZSCHE, 2020, p. 19). Cf. *O Anticristo*, aforismo XIV.

<sup>358</sup> Cf. *Além do bem e do mal, Sétima parte – Nossas virtudes*, aforismo 230.

*do mal*, por exemplo, Nietzsche deixa claro que é natural do espírito humano criar uma multiplicidade de máscaras que ocultam sua essência. Essas máscaras representam a astúcia humana de cada era, que cria novas interpretações sobre o ser humano e seu mundo (NIETZSCHE, 2014, p. 152). Portanto, Nietzsche não ignora a antropomorfização da natureza, mas busca interpretar o que cada era constrói e entende por natureza e homem.

### **A Natureza como dado antropomórfico**

Sobre a concepção da natureza como dado antropomórfico, a filosofia nietzschiana concentra-se em desmistificar o *antropocentrismo* que o ser humano edifica sobre a natureza. Nietzsche busca evidenciar que o homem não possui nenhuma qualidade supramundana que o diferencia dos demais seres; ou como expressa Miguel Angel de Barrenechea, a concepção nietzschiana não conduz nem concorda com a cisão tradicional entre “homem ‘e’ mundo”, mas vê ambos como elementos do mesmo processo fundamental da realidade, o *devir* (BARRENECHEA, 2009, p.57). A crítica nietzschiana questiona a substancialização da essência humana como algo supramundano, que aparta o homem de sua integridade com o mundo real, e valoriza um tipo de substrato pessoal, eterno e imutável (BARRENECHEA, 2009, p. 93), como as tradicionais concepções de *alma*, *espírito* ou *Ideias*.<sup>359</sup> Neste contexto, e de modo instrutivo, é possível sintetizar tais concepções no conceito de *consciência*, entendida aqui como a faculdade do saber, do criar, do julgar e do pecar. Sendo a consciência uma concepção fundamental para o pensamento e cultura ocidental, por que Nietzsche a questiona?

Conforme Nietzsche expressa em *Gaia Ciência*<sup>360</sup>, o antropocentrismo está na visão do homem em colocar-se como um ser excepcional na existência, porém, essa visão gera uma *má interpretação* sobre a realidade e toda natureza. Nietzsche denuncia as *concepções morais* sobre o mundo que se articulam como *verdades fundadoras*. Tendo em vista o caráter “hermenêutico” sobre a relação homem e natureza, o filósofo empreenderá uma série de artifícios que conduzem a interpretação da consciência como

<sup>359</sup> Essas concepções duais como corpo/alma, céu/inferno, bem/mal etc. são conhecidas na literatura nietzschiana como *teorias dualistas*, cuja afirmação de um elemento leva, geralmente, ao detrimento de outro.

<sup>360</sup> Cf. *A gaia ciência*, livro IV, aforismo 294 (*contra os caluniadores da natureza*).

um elemento fundamentalmente ligado ao corpo (*Leib*)<sup>361</sup>. Nietzsche, então, traça sua crítica do âmbito psicológico ao fisiológico, sem, no entanto, separar as concepções de corpo e alma, mundo e supramundo (inferno ou paraíso), como a tradição o fizera. Então o que seria a consciência para Nietzsche, e qual sua função?

O que a tradição compreende como substância e essência do homem - como as concepções de alma, espírito, *cogito*, psique etc. -, Nietzsche compreenderá como um instinto entre vários outros existentes no corpo<sup>362</sup>. Ao analisar os instintos do corpo humano, sob um olhar fisiológico, o autor de *Zarathustra* denunciará a fragilidade da consciência, pois para Nietzsche, podemos pensar, sentir, querer e recordar sem “entrarmos” ou “ativarmos” a consciência para então agirmos (NIETZSCHE, 2012, p. 221). Nietzsche expõe e valoriza a espontaneidade dos afetos, exaltando que tais funções corporais chegaram em sua maturidade a ponto de se tornarem espontâneas, diferente da consciência, que é vista pelo filósofo como um instinto “débil” por não estar maduro, mas ainda em desenvolvimento; e podendo até mesmo vir a cometer erros ao fundar juízos errôneos sobre a realidade (BARRENECHEA, 2009, p. 95).<sup>363</sup>

Dessa maneira, o caráter antropomórfico da natureza é justamente fundado a partir da linguagem humana e das suas interpretações sobre a realidade. Nietzsche buscará evidenciar que não há qualquer acontecimento em si, mas um grupo de aparências selecionadas e resumidas por um ser interpretante - o homem (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 124). O homem utiliza a linguagem como uma ferramenta que o ajuda a interpretar a realidade, e como uma arma para sobreviver e expandir sua força na natureza, mesmo sobre os outros homens. A natureza é interpretada sob um filtro moral humano, sendo ela mesma isenta de qualquer tipo de valor. Assim, qualquer valor encontrado na natureza fomos nós humanos que o criamos (NIETZSCHE, 2012, p.181). As reflexões nietzschianas buscam questionar não apenas os valores atribuídos as coisas, mas também aqueles que formulam estes valores, pois são estes sujeitos que “criam o mundo” em seu sentido valorativo. Nietzsche afirma em *Aurora* que “os

---

<sup>361</sup> O *corpo* (*Leib*) ocupa um lugar privilegiado na filosofia de Nietzsche, pois ao combater as concepções metafísicas tradicionais, o filósofo também “destrói” os pontos de referência que até então a tradição filosófica ocidental havia fundado suas bases éticas e epistemológicas; assim, o corpo passa a ocupar o lugar que outrora pertencera àquelas bases. No *prólogo de Gaia Ciência*, por exemplo, Nietzsche questiona se toda filosofia não teria sido apenas “[...] uma má-compreensão do corpo” (NIETZSCHE, 2012, p.11).

<sup>362</sup> Cf. *A gaia ciência*, livro V, aforismo 354 (*do “gênio da espécie”*).

<sup>363</sup> Cf. *Assim Falava Zarathustra* (2009), Primeira Parte, “*Dos que desprezam o corpo*”. Nietzsche refere-se ao espírito (ou consciência) como uma “pequena razão” serva do corpo (NIETZSCHE, 2009, p.51).

homens projetam-se na natureza” (NIETZSCHE, 2008, p. 25), vendo suas próprias características no mundo<sup>364</sup>. Ou conforme afirma Patrick Wotling<sup>365</sup>, Nietzsche compreende que os valores que existem no mundo humano não são naturais, mas criações dos homens, baseados em seus afetos e gostos. O autor de *Zarathustra* compreende que os afetos geram valores, e os valores são crenças capazes de coação (leve ou tirânica), que orientam o modo como os indivíduos se relacionam em comunidade (WOTLING, 2003, p. 10).

### A natureza como Physis

Por outro lado, sobre a natureza enquanto *physis*, Nietzsche afirma em *Além do bem e mal* que a essência do mundo é *vontade de potência*, e nada mais (NIETZSCHE, 2014, p. 48), e sob esta máxima é possível explorar seu pensamento fisiológico, ou “cosmo-ontológico”.<sup>366</sup> Nietzsche busca resgatar no solo da modernidade as clássicas concepções cosmológicas sobre a natureza. Assim, duas influências foram fulcrais: Heráclito<sup>367</sup> e Schopenhauer<sup>368</sup>. Ambas as influências, antiga e moderna, possuem em comum a valorização do devir, da mudança como pressuposto filosófico para pensar a efetividade do ser; fornecendo o plano de fundo sob o qual Nietzsche fundará sua concepção de vontade de potência.

<sup>364</sup> Cf. *Aurora*. Livro I, aforismo 17 (*A natureza boa e a má*).

<sup>365</sup> *As Paixões Repensadas: Axiologia e efetividade no pensamento de Nietzsche*, 2003.

<sup>366</sup> Nietzsche sustenta seu pensamento metafísico com o conceito de *vontade de potência*, entendido pelo filósofo como um princípio da natureza sob o qual todas as coisas se organizam e se dissipam, isto, partindo da eterna disputa entre forças conflitantes. Esse conceito está presente em várias passagens da obra nietzschiana, especialmente no período de maturidade, como no capítulo *Do domínio de si*, do segundo livro de *Assim falava Zarathustra*; e nos aforismos 22 e 36 de *Além do bem e do mal*. Com o conceito de vontade de potência, Nietzsche aproxima-se das antigas *archés* naturalistas e se distancia da herança metafísica platônica.

<sup>367</sup> Existem várias semelhanças entre Heráclito e Nietzsche, desde os temas éticos, até suas concepções cosmológicas. Em *Ecce Homo* Nietzsche expressa sua admiração afirmando que sua filosofia dionisíaca da antítese, guerra e devir poderia ter sido antecipada por Heráclito. Cf. *Ecce Homo*, O Nascimento da Tragédia, aforismo 3.

<sup>368</sup> A influência de Schopenhauer sobre Nietzsche não se restringe às afinidades estéticas, mas também na concepção ontológica sobre a natureza com o conceito schopenhaueriano de *vontade*. É interessante ressaltarmos que Nietzsche também herda o interesse pela cultura e cosmologia hindu. Porém, Nietzsche rompe progressivamente com Schopenhauer após *O Nascimento da Tragédia*. Destarte, sobre a influência de Schopenhauer em Nietzsche, conferir Daniel Touey (1998); sobre a relação e influência do pensamento asiático na filosofia nietzschiana, conferir os artigos de Fernando M. Barros (2003) e Johann Figl (2003).



Segundo Müller-Lauter<sup>369</sup>, “[...] para Nietzsche, trata-se de metafísica quando ‘é deduzida uma multiplicidade a partir de um primeiro, simples’ [...]” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 71-72). Enquanto as concepções metafísicas tradicionais, pensaram o Ente como um “algo” original e definido, transcendental e permanente, a metafísica nietzschiana, sob a perspectiva da vontade de potência, busca um pensar da imanência e da transformação. Nietzsche “[...] nomeia o fundamento do ente e determina, a partir dele, o ente em sua totalidade; seu pensamento é metafísica, no corrente sentido da longa história da filosofia ocidental” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 53-52). Pois, de acordo com Müller-Lauter, Nietzsche pensa o Ser<sup>370</sup> sem substancializá-lo; e ainda que o filósofo busque por um fundamento ontológico<sup>371</sup>, ele não o substancializa como um princípio fechado; pois para o autor de *Zarathustra* “[...] a qualidade [do ente] não existe como algo subsistente por si, não como sujeito ou quase-sujeito, também não como o Um [...]” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 84). A vontade de potência como fundamento ontológico não deve ser vista como o *Ser em si*, como um sujeito, mas como uma *qualidade* do Ser, que é devir (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 88). É uma qualidade, pois, para Nietzsche, é como o ser das coisas se manifesta, como as forças se organizam durante seu eterno combate. E compreendendo o Ser como uma qualidade (vontade de potência) e não como um sujeito ou algo (Deus, Ideias etc.), Nietzsche propõe uma interpretação sobre o mundo e as forças que o envolvem, permitindo a imanência do ser das coisas que está em eterna transformação.

Conforme Müller-Lauter (1997), ao recusar as estruturas metafísicas tradicionais, a filosofia de Nietzsche propõe que “[...] ‘o’ mundo não é nenhum todo como unidade” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 104), mas que toda unidade é unidade somente como organização de forças, não havendo nenhum ente fundamental organizando o mundo em um todo. Quando falamos em “mundo”, “Natureza”, “pessoas” e “instituições”, devemos ter em mente que para Nietzsche trata-se apenas de “[...] uma quantidade limitada de forças, entendida em incessante alteração” (MÜLLER-

---

<sup>369</sup> *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*, 1997.

<sup>370</sup> O “Ser” na obra nietzschiana é utilizado sob várias acepções, como no sentido de *vida*, *devir*, *essência*, *efetividade*, entre outros (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 76).

<sup>371</sup> Costuma-se apontar três fases na obra nietzschiana: a *estética*, sobre o problema da arte; a *intelectual*, sobre o problema da verdade; e a *ética*, sobre o problema da moral. O pensamento ontológico de Nietzsche se expressa desde *O nascimento da tragédia*, na qual é proposta a concepção de “metafísica do artista” (NIETZSCHE, 2007, p.23), compreendendo a arte como atividade propriamente metafísica do homem (MACHADO, 1999, p. 29), mas no decorrer de sua obra Nietzsche abandona esta concepção.

LAUTER, 1997, p. 104).<sup>372</sup> Cada ser, para Nietzsche, é vontade de potência que busca se expandir e dominar o outro. São forças que disputam poder; se organizam quando uma vontade menor é dominada por outra maior, por curto ou longo período, mas que jamais deixam de disputar e expandir seu comando; sendo diferentes formas de organização de combate e disputa que possuem uma certa aparência devido a organização e acordo (“estabilidade”) entre as energias conflitantes. Assim, “[...] todo ente estabiliza e, em verdade, com necessidade. O estabilizar é um traço fundamental da vontade de poder” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 118). A concepção de natureza de Nietzsche é fundada sob esta perspectiva ontológica. Os seres humanos e os demais seres são vontade de potência, mesmo os seres inorgânicos, pois há sempre, em grau menor ou maior de complexidade, a disputa por poder (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 105).

Parafraseando Müller-Lauter, para Nietzsche “[...] o mundo não é mundo orgânico, mas mundo de “organismos”: o caos das organizações de poder se alterando permanentemente” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 120)<sup>373</sup>; ou como o filósofo aponta em *A genealogia da moral*<sup>374</sup>, a vida é ativa e plástica, sendo também carregada de forças espontâneas, agressivas, conquistadoras, usurpadoras, transformadoras, “[...] e que estão sempre produzindo novas exegeses e novas direções, submetendo a suas leis a própria adaptação” (NIETZSCHE, 2013, p.76); ou ainda como expõe Barrenechea: “vinculado ao conceito de vontade de potência, Nietzsche emprega termos como mundo, terra e vida. Todos eles aludem ao processo de devir dos corpos, regidos pela

---

<sup>372</sup> Nietzsche rejeita a tradicional substancialidade do ser, como *causalidade necessária, liberdade, fim, unidade*, por compreender que o *em si* do ser é *móvel e diferenciado* (MARQUES, 2003, p. 77). Este *em-si* é designado por Nietzsche como *caos e singularidade perfeita das forças*, sendo assim, inacessível à razão humana (MARQUES, 2003, p. 81).

<sup>373</sup> É importante ressaltar que Nietzsche critica o mecanicismo das filosofias e ciências naturais, mas não duvida de sua empregabilidade. No aforismo 22 de *Além do bem e do mal* o filósofo fala sobre a “má filologia” dos físicos (NIETZSCHE, 2014, p. 31), referindo-se ao caráter interpretativo dos cientistas sobre a Natureza como um dado mecânico e passivo. Conforme Müller-Lauter, para Nietzsche as leis naturais não são *atemporais*, e duvida que o homem possa compreender *fundamentalmente* os acontecimentos apreendidos por estas leis (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 113). Marques contribui comentando que a importância do mecanicismo para Nietzsche está em seu caráter regulador das ideias (MARQUES, 2003, p. 85). Em *Nietzsche for physicists* (2018) Juliano Neves contribui analisando os conceitos de Nietzsche sob o olhar da física.

<sup>374</sup> Cf. *A genealogia da moral*, dissertação segunda, aforismo 12.



vontade de potência”, portanto, “[...] mundo e terra referem-se ao movimento vital que reflete as mudanças do permanente vir-a-ser” (BARRENECHEA, 2009, p.57).<sup>375</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do percurso traçado até aqui, buscamos demonstrar que sobre o conceito de natureza em Nietzsche é possível identificar alguns elementos fundamentais da sua filosofia. O autor de *Zarathustra* sustenta fortes críticas a tradição judaico-cristã, na religião, e a tradição platônica, na filosofia. Suas críticas compreendem que estas tradições radicalizaram o antropocentrismo humano, a ponto de “desnaturalizar” o homem, compreendendo-o um tipo de ser que estaria além da natureza, enquanto a própria natureza teria um valor inferior ao humano. Nietzsche busca questionar estas tradições e também procura compreender os limites do antropocentrismo na filosofia e fé ocidental.

O autor de *Zarathustra* combate, essencialmente, o dualismo que o cristianismo e o platonismo teriam fundado sobre o pensamento. Neste sentido, e contra esse dualismo metafísico, Nietzsche utiliza o conceito de *vontade de potência* para explicar a *dinâmica* do Ser das coisas sem determinar a origem dos seres. Assim, Nietzsche rompe com a tradição metafísica platônica, mas resgata, a seu modo, a concepção metafísica naturalista. O autor de *Zarathustra* não nega a astúcia do homem de se projetar sobre a natureza, mas questiona como essa projeção pode distanciar o homem da sua própria essência natural.

Portanto, se conseguimos atingir os nossos objetivos com clareza, diante do percurso traçado até aqui, então podemos afirmar que a pesquisa sobre a filosofia de Nietzsche, a partir de um olhar atento sobre o conceito de natureza, pode ser ainda mais fértil se tivermos em mente estas considerações.

---

<sup>375</sup> A dinâmica da natureza, para Nietzsche, não se trata apenas do adaptar-se para sobreviver, como no evolucionismo darwiniano, mas para *conquistar cada vez mais poder e expandir seu ser e domínio* (MARQUES, 2003, p. 75).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, Fernando de Moraes. Um Oriente ao oriente do Oriente: a investigação de Johann Figl. **Cadernos Nietzsche**. 15. v. São Paulo, 2003. Disponível em <periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7842/5382> Acesso em 10/11/2020.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

FIGL, Johann. Os primeiros contatos de Nietzsche com o pensamento asiático. **Cadernos Nietzsche**. 15. v. São Paulo, 2003. p. 83-103. Disponível em <periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7843/5383> Acessado em março de 2020.

MACHADO, Roberto C. de Melo. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARQUES, António. **A filosofia perspectiva de Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003. (Sendas e Veredas)

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. Tradução de Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

\_\_\_\_\_. **NIETZSCHE: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. Tradução de Clademir Araldi. São Paulo: Editora UNIFESP, 2009.

NEVES, Juliano C. S. Nietzsche for physicists. **Philosophia Scientiæ**. 23. v. Paris, 2019. Disponível em <<https://journals.openedition.org/philosophiascientiae/1855>> Acesso em setembro de 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Genealogia da Moral**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e Mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução e notas de Mario Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **AURORA: reflexões sobre os preconceitos morais**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2008a.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo: como alguém se torna o que é.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Anticristo: maldição ao cristianismo.** Tradução de Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Verdade e Mentira no Sentido Extramoral. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. **Comum**, Rio de Janeiro. v.6. n. 17. p. 05-23, 2001. Disponível em: <[http://imediate.org/asav/nietzsche\\_verdade\\_mentira.pdf](http://imediate.org/asav/nietzsche_verdade_mentira.pdf)> Acesso 20/01/2018.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: das origens a Sócrates.** 1.v. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

RICOEUR, Paul. **Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles.** Tradução de Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

TOUEY, Daniel. Schopenhauer and Nietzsche on the Nature and Limits of Philosophy. **The Journal of Value Inquiry.** 32. v. Temple University, U. S. A. Filadélfia, 1998. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/227212913\\_Schopenhauer\\_and\\_Nietzsche\\_on\\_the\\_Nature\\_and\\_Limits\\_of\\_Philosophy](https://www.researchgate.net/publication/227212913_Schopenhauer_and_Nietzsche_on_the_Nature_and_Limits_of_Philosophy)> Acessado em set. de 2020.

WOTLING, Patrick. As Paixões Repensadas: Axiologia e efetividade no pensamento de Nietzsche. Tradução de Ivo da Silva Júnior. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 15, 2003. ISSN. 1413-7755